



# Tese do Coletivo de Independentes e KAAWEE

“É preciso pensar alternativas às estratégias socialistas que foram derrotadas no Século XX”.

Ruy Braga

## Retomar a discussão do socialismo nas nossas teses e congressos

Introdução: A economia financeirizada transformou a sociedade moderna. Uma pequena classe rentista está no controle e se tornou o novo planejador central drenando a renda da indústria e deixando os trabalhadores cada vez mais endividados. A extração da renda improdutiva alcança diversas áreas. Desmantela e privatiza o Estado, toma o controle do sistema monetário e de crédito, apropria-se do solo e da infra estrutura básica para enriquecer, travando a economia e não no seu crescimento. A questão básica é saber se o dinheiro e o crédito, terra, recursos naturais e monopólios serão concentrados nas mãos de uma oligarquia rentista ou usados para promover a prosperidade e o crescimento.

Não obstante essa discussão o VII Congresso não avançou no diagnóstico do Estado capitalista atual, nos problemas do socialismo e nas mudanças da geopolítica mundial. Afinal, o que é um partido revolucionário? Quais as contribuições teóricas dos clássicos do marxismo e como podem ser reinterpretadas? E as mudanças que sofreram os sujeitos revolucionários e seus paradigmas do século passado? Como devemos nos relacionar com a espiritualidade?

A sociedade real é a do trabalho fragmentado, disperso, precarizado, com novas formas de gestão, contratação e organização da produção. Precisamos ressignificar as utopias, reaprender com as formas de luta dessa miríade de segmentos em que se transformou a classe trabalhadora. A última década viu o deslocamento de ramos inteiros da produção

para a Ásia, o crescimento da inteligência artificial, automação, revolução digital. Os socialistas precisam refazer sua crítica radical ao sistema e propor uma sociedade solidária que valoriza as vidas humanas. Mas assim como é preciso pensar de forma ampliada os sujeitos revolucionários é preciso também ampliar as expressões e traços conceituais dos “de baixo”. A sociedade social contemporânea tem muitos herdeiros, Marx, Lênin, Gramsci, Che Guevara, Rosa de Luxemburgo e Mariátegui, mas também Frida Kahlo, Zumbi dos Palmares, Jesus Cristo, Luiza Mahin, Frei Caneca, Margarida Alves, Marighela, Túpac Amaru, Francisco de Assis, Pagu e Malcom X. Seu legado nos leva a continuar lutando e estudando experiências indígenas, democrático-radicais e populares.

## **1. A catástrofe ambiental**

O mundo sofre com a acumulação do capital a qualquer preço. A exploração do trabalho e da natureza compromete a sobrevivência da espécie humana. O cenário tem originado a noção do “capitalismo verde” que reduz o impacto ambiental ao tempo em que mantém as instituições dominantes. A sobrevivência da vida do planeta e da sociedade civilizada está em jogo. As mudanças climáticas são a expressão mais cabal da crise ambiental, um desafio histórico sem precedentes. Se permitirmos que as temperaturas mundiais continuem aumentando as consequências serão ainda mais graves.

A COP 26 mostrou a impossibilidade de solucionar a crise dentro dos limites do sistema. Ao invés de suspender a exploração de novas fontes de energia fóssil vimos promessas de reduzir seu consumo. Em vez do combate ao aquecimento global falou-se em “neutralidade de carbono” com prazos a perder de vista. O limite da Terra está pautado.

O governo Lula adotou questões tais como a bio economia, a justiça ambiental e o racismo ambiental tratando de desenvolver estratégias sustentáveis que podem impulsionar a industrialização brasileira a partir de bases verdes. Oferecer alternativas de baixa emissão de carbono, que aproveitam os produtos da biodiversidade e da agricultura agregando valor às cadeias produtivas. O desafio da transição energética busca encontrar caminhos para um novo modelo industrial e o Brasil reúne requisitos para assumir o protagonismo no cenário da bioeconomia de alta tecnologia.

Não é possível conceber socialismo sem o cuidado com os bens comuns do planeta, a terra, a espiritualidade e a luta contra a opressão. Acostumamos-nos a considerar como condição imanente aos seres vivos racionais: solo, água, ar e conhecimento. Mas o Capital modifica as condições ambientais de sua própria reprodução, remodelando perpetua-

mente as condições ambientais. A defesa da natureza considera a responsabilidade com o planeta, espaço comum a todas e todos para proteger, preservar e assegurar o acesso equilibrado aos bens naturais comuns.

É essencial rever a articulação da Capital com o Estado e o agronegócio. Desenvolver um programa que garanta terra, produção e cooperativismo a partir da regularização fundiária, a assistência técnica e a adoção de um modelo de educação com base na realidade do agricultor resgatando sua auto estima e promovendo uma educação contextualizada. Não é possível construir o PSOL nas pequenas e médias cidades do país sem estar junto à agricultura familiar, nações indígenas, comunidades tradicionais, Fundos e Fechos de Pasto, trabalhadores rurais, quilombolas e pescadores.

## **2. Uma Nova Guerra fria e uma Nova Ordem Mundial**

O fim da Segunda Grande Guerra, com a vitória dos aliados contra o nazi-fascismo, prometia um período de paz para a humanidade. Mas os acordos de Ialta e o enfraquecimento do capitalismo no Leste da Europa teriam a resposta imperialista sob a ideologia de “frear a expansão da URSS na Europa” criando as bases da Primeira Guerra Fria com a OTAN, o Marcarthismo e o Programa de Recuperação Européia que levou o nome do secretário norte-americano George Marshall. A difícil situação da Europa Ocidental fez com que suas burguesias abandonassem seus desígnios nacionais e caíssem sobre o domínio norte-americano.

A antiga Guerra Fria pareceu encerrada com o recuo da União Soviética as dimensões da Federação Russa em 1991 e a unipolaridade mundial de fato que passou a ser exercida pelos EUA. Mas a queda do Muro de Berlim e da URSS, não levou à dissolução da malfadada OTAN. Esta continuou crescendo, chegando a trinta integrantes e a acordos com mais 36 países, e a realizar, até os nossos dias, 48 intervenções militares.

A OTAN não acabou porque tornou-se imprescindível para a indústria militar norte-americana, porque ajuda a combater a autonomia da Federação Russa e subordina o mercado europeu ao parceiro menor dos EUA. A ausência do seu principal adversário da Guerra Fria dificultou a justificação dos orçamentos astronômicos, ainda mais quando sobreviveu ao declínio relativo norte-americano. Nos próximos anos veriam o crescimento da China, o nascimento do Irã moderno e uma Rússia sem se conformar com um papel modesto na Eurásia. Rivais dos EUA e da OTAN assumiram uma dimensão geopolítica fulcral e a ter um papel anti-imperialista de fato. O conflito com a Ucrânia decorre em meio a um cenário mundial mais equilibrado. O cenário de declínio relativo dos EUA levou a Trump encomen-

dar um estudo da Rand Corporation (2019) mas posto em prática por Joe Biden. Aquela empresa, perguntada sobre como os EUA poderiam tirar vantagens do cenário mundial, concluiu pela provocação da Rússia e da China “a agirem no limite de suas forças”. Assim, sofrendo a penetração da China em seus redutos comerciais europeus, objetivando continuar a pressionar a Rússia aos limites da Ásia, assim como substituir empresas russas na Europa, o imperialismo norte-americano tenta encravar uma nova Síria no cerne da Europa do Leste.

Desta vez os EUA tiveram um inimigo que se preparou para a guerra, teve o apoio tácito da China manteve a influência sobre dezenas de aliados que não deixaram que sua economia soçobrasse. Seu Banco Central agiu antecipadamente para driblar as sanções. Foi esta preparação que permitiu que, quando os bancos russos foram retirados do sistema financeiro, a corrida aos seus bancos só durasse um dia, que fracassassem as sanções. Enquanto isto a China ganhou com o conflito ganhando 215 milhões de consumidores russos no seu cartão de crédito e garantindo o fornecimento de gás russo durante vinte anos com 40% de desconto.

A guerra da Ucrânia dividiu campos na esquerda mundial. Repetindo o que fizeram na Primeira Grande Guerra, quando apoiaram a política belicista das suas burguesias nacionais, durante o conflito da Ucrânia essa esquerda não se atreveu a contrariar a mídia ocidental e abandonou o campo do anti-imperialismo. Deixa o povo russo, que fez a gloriosa revolução soviética de 1917 e que ganhou a Segunda Grande Guerra, submetido a odiosa discriminação e preconceitos de toda ordem.

Nossa geração viveu para ver o início de uma nova ordem mundial embora não saibamos precisar o tempo em que isto se dará. Há sinais de que a ordem liberal vigente desde o fim da Segunda Grande Guerra esteja no fim tendo como pano de fundo as disputas entre os EUA e a China. Durante a guerra da Ucrânia a Rússia e a China formaram um núcleo que pode ser decisivo para a mudança futura da maioria do comércio internacional para o Oriente. É possível agora sonhar com o fim da era do dólar e da constituição de sistema de pagamentos alternativos ao imperialista.

Uma política socialista para novos tempos de ordem mundial exige um campo anti-imperialista que discuta um programa que ponha fim na dependência nacional, e dirija seus golpes principais aos EUA e à OTAN. Necessita apoiar iniciativas que desvalorizem as economias e reduzam a dependência de produtos imperialistas, especialmente aqueles obtidos me-

diante chantagem, boicote, trabalho escravo, racismo, violência e depredação ambiental. O PSOL deve se sintonizar com as novas tendências articulando um campo anti imperialista internacional que dirija seus golpes principais aos EUA e a OTAN, apoie a desdolarização das economias e reduza a dependência dos produtos imperialistas obtidos mediante chantagem, boicote, trabalho escravo, depredação ambiental e sobretudo de armas.

### **3. O Brasil atravessa um novo período de disputa de hegemonia**

A vitória de Luiz Inácio Lula da Silva foi uma das mais marcantes de toda a história do país. Mas poucos dias após a eleição baixamos a guarda contra a extrema-direita. Menosprezamos o cerco dos quartéis e a contaminação das Forças Armadas. O resultado do 8 de janeiro quase leva o Brasil a ter um presidente tutelado num golpe híbrido como os de hoje. É certo que a intentona foi fracassada. Que o episódio contribuiu para pôr um fim nos acampamentos nos quartéis, revelar centenas de golpistas, seus financiadores e seus métodos, mas a derrota foi momentânea, nem eles foram eliminados nem as punições progrediram no ritmo em que seriam necessárias.

O Brasil abriu um novo período de disputa de hegemonia. Por isto é que o combate à extrema direita não pode parar. Ele está em todo o nosso programa, de um Banco Central independente, contra as privatizações e pelo fim do teto de gastos para as despesas sociais. Ao lado disto é preciso defender a pauta social, atendendo a turma de baixo, os desempregados, famintos, injustiçados, vítimas do racismo e do feminicídio, as comunidades LGBTQIAP+ e as populações originárias. Se não formos consequentes na pauta social perderemos a guerra, a qual só será vencida tensionando o modelo neoliberal.

As coisas não serão nada fáceis. A economia mundial, tal como o Brasil, tem uma desaceleração contratada para controlar a inflação e vê seu PIB perder força diante da fraca reação da demanda. Enquanto isto o nosso PIB cresceu 1.9% no primeiro trimestre e o mercado de trabalho mostrou resiliência. O cenário para o segundo semestre dependerá das políticas que forem se conformando, particularmente se se confirmarem as medidas mais expansionistas. Como fazer o crescimento econômico exigido pelas classes pobres e médias e ao mesmo tempo praticar a responsabilidade fiscal na qual é pressionado pelo sistema financeiro e setores do grande capital? A receita encontrada pelo governo Lula foi o novo arcabouço fiscal, intitulado de regra fiscal, uma proposta pragmática e imediatista que permite algum crescimento dos gastos do governo (atrelado ao crescimento da receita) via captação de impostos e metas de resultado primário. O governo ainda não conven-

ceu o mercado da consistência do seu plano para reequilibrar o caixa federal e acelerar o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB).

Medidas adotadas até agora têm ares de improviso, com foco principalmente no aumento de receitas. O ministro da Fazenda anunciou recentemente um pacote para reduzir o déficit primário deste ano, previsto originalmente em R\$231,5 bilhões, e desacelerar o crescimento da dívida pública.

A política conduzida pelo Banco Central de manter os juros altos não ajuda o governo, assim como o cenário internacional que está muito longe da expansão externa observada na primeira década dos anos 2000 e que foi essencial para sustentar o crescimento econômico nos dois primeiros mandatos de Lula. Mas o quadro pode mudar, a começar pelos resultados da balança comercial, onde se prevê um superávit expressivo neste ano. Uma recessão técnica tem sido adiada sucessivamente nos EUA. O mundo tem visto a reabertura da China - puxando as projeções de crescimento do país para cerca de seis por cento - e a subida da cotação das commodities. O déficit em conta corrente deve recuar assim como melhorar o volume de investimentos diretos no País.

O PSOL deve ter duas preocupações. A primeira, é com a atual correlação de forças do Congresso Nacional favorável a direita e a quadrilha de Lira que só nos últimos meses buscaram alterar as atribuições dos ministérios, reduzir as verbas dos gastos sociais e atacar as comunidades indígenas. A segunda é a excessiva conciliação do próprio governo federal que ao aprovar políticas que impõem limites sobre os gastos sociais com educação e saúde, de maneira a pagar mais a banqueiros e acionistas, financia um setor que drena a economia. Lula reformulou o orçamento secreto para atender aliados. Os recursos que podem ser distribuídos neste ano chegam a casa dos R\$46 bilhões, divididos entre concessão de emendas individuais a parlamentares e as emendas de ministérios, e fazem parte de uma estratégia para tentar ampliar a base de Lula dentro do Congresso Nacional. O processo político está em aberto, cujos principais atores são a esquerda/progressistas/democratas, a extrema-direita e a direita liberal. Mas esses protagonistas se movem em meio a uma grave crise sistêmica onde tudo está em ebulição, a cultura, o meio ambiente, a economia, com o destino da humanidade em risco, e a existência de dois caminhos para uma nova ordem mundial. O momento é rico para politizar e discutir. O PSOL não tem força para ser uma alternativa, mas a esquerda, com nossa ajuda, pode avançar nessa condição de governabilidade tensa. No entanto, é preciso avaliar cada passo e as condições de tutela institucional, jurídica, dos meios de comunicação e a ação do imperialismo. Ao lado de atuar

resolutamente no meio institucional, o PSOL não pode ter medo do tensionamento, das ruas, das rebeliões, das ocupações, pois será de tudo um pouco que nos fará avançar. O PSOL tem a tarefa de avançar no apoio ao governo Lula, fortalecer o campo de esquerda na sociedade brasileira para que possamos enfraquecer a direita, contribuir para desenvolver o país com justiça social e construir bases municipais fortes em 2024 preparando-se para novas tarefas.

#### **4. Gestão partidária/Organização partidária – Um partido para os tempos atuais**

Não há como negar o avanço do PSOL como alternativa à esquerda. No campo legislativo chegamos aos 12 deputados federais, estamos presentes no legislativo de vários estados e nossos vereadores. A candidatura Boulos/Erundina foi um alento ao apresentar um programa à esquerda, tornando-se alternativa possível para a cidade. O partido conquistou a primeira Capital para governar, a prefeitura de Belém, tendo à frente o companheiro Edmilson Rodrigues.

O PSOL precisa se consolidar como um partido para os tempos atuais. Este é o grande desafio a partir deste congresso. Trata-se de outro modelo de gestão, moderno, profissionalizado, interiorizado e transparente. O partido deve ter planejamento estratégico e ampliar a participação de municípios e setoriais nas decisões políticas. Dar um salto no nosso funcionamento para ampliar a participação das filiadas e filiados, para tornar o partido mais inserido, formulador e construtor de um novo projeto político anticapitalista, que consiga compreender a diversidade de nosso país, dialogar com as demandas das novas gerações, contribuir com a reorganização da classe trabalhadora, enfrentar as saídas golpistas e autoritárias dos setores mais violentos da classe dominante, sem abrir mão da luta contra a agenda liberal.

O PSOL precisa mostrar um projeto para o país. Um projeto à altura de governar uma prefeitura como São Paulo, eleger centenas de vereadores, prefeitos e vice-prefeitos e cidades médias e pequenas por todo o país. Um projeto que vai além dos parlamentos e poderes estabelecidos, e que passa por um diálogo com o povo e com as organizações populares, que tenha na base mudanças estruturais a longo prazo, pois a curto temos que dar respostas à sobrevivência do nosso povo. Se o PSOL se torna referência para setores progressistas da classe média e do povo, e em São Paulo consegue aumentar significativamente seu peso nas periferias é tarefa urgente interiorizar o partido. A tônica do partido ainda é dada pelas grandes cidades sendo as pequenas e médias cidades, lócus da maioria da militância do partido, marginalizadas. Apesar de ser o partido que mais cresce no país,

é preciso que nos aproximemos da militância na medida em que filiamos e deixamos as pessoas perdidas sem um direcionamento.

Temos que “quebrar as correntes” internas que limitam as nossas ações, como se fôssemos vários grupos que emprestam uma legenda para expor seu pensamento. Devemos entender que a pluralidade de tendências tem o dever de colaborar com a criação de um projeto partidário que nos une. É urgente abrir e fortalecer canais de participação direta da militância na vida partidária em todos os momentos, não apenas quando interessa às direções que a militância endosse suas práticas políticas. O PSOL precisa impulsionar de forma sistemática a criação de espaços de formação, incentivo e chamamento para a criação de núcleos, setoriais e coletivos ligados ao partido.

Para democratizar o PSOL é preciso criar novos instrumentos capazes de acolher filiados e simpatizantes, além de ampliar os já existentes, como os núcleos e setoriais. Os filiados devem ser chamados a contribuir cotidianamente na vida partidária. O Brasil é um país altamente religioso, precisamos pensar essa subjetividade para debater o projeto popular e socialista, por isso é imprescindível a criação de um setorial inter-religioso no PSOL, que vise ações estratégicas para ocupar espaços até então ignorados pela esquerda; O PSOL é o espaço de militância para milhares de ativistas de movimentos sociais e também é referência do que podemos chamar de “embrião de uma nova esquerda”, representando um porto seguro de todos e todas que buscam superar o caminho da adaptação ao sistema. Porém, nosso funcionamento ainda evoca o passado. A lógica interna impõe aos filiados e filiadas a participação em uma tendência, com uma participação em geral restrita aos processos congressuais, bancada e instâncias partidárias. Ainda não possuímos canais eficazes de comunicação, sejam nacionais, sejam locais.

Nosso Congresso Nacional reconhece os avanços democráticos que ocorreram. Nossas direções são eleitas de maneira proporcional, além de contar com a paridade de gênero e pelo menos 30% de negras e negros. Essas políticas frutificaram, não há como negar. Muitas direções expressivas, inclusive no parlamento, estão compostas por mulheres negras. Contudo, ainda são os homens que ocupam os principais espaços de decisão e o caráter estrutural da discriminação de gênero e raça se reflete em nossas políticas. Por isso é necessário um processo para que o partido seja mais unitário, mais popular, mais participativo, mais inclusivo, mais negro, mais feminista, mais LGBTQIA+ e consiga criar um ambiente interno acolhedor para todas as religiões e as novas gerações de ativistas sociais de nosso país. Visando criar vínculos mais orgânicos e empoderar no processo decisório,

cada uma e cada um escolheu fazer parte do PSOL, propomos:

- 1.** Criar estruturas em torno das secretarias executivas, com alocação de recursos de acordo com plano de ações e metas a serem alcançadas;
- 2.** Criação de um Grupo de Trabalho para reforma estatutária e atualização programática, cujo trabalho deve ser objeto de deliberação no 8º Congresso Nacional do PSOL, a realizar-se no final de 2023;
- 3.** Criação de um Grupo de Trabalho para elaboração de um projeto de criação de comissões de ética estaduais;
- 4.** Criação de um Setorial inter-religioso.

Adriana Pereira Da Conceição

